



## O “PRINCÍPIO RESPONSABILIDADE” DE HANS JONAS: DISCUSSÕES ATUAIS SOBRE SUSTENTABILIDADE

*Hans Jonas's imperative of responsibility: current  
discussions on sustainability*

**Tayronne de Almeida  
Rodrigues**

*Faculdade de Juazeiro  
do Norte - FJN  
tayronnealmeid@gmail.com*

**João Leandro Neto**  
*Secretária Municipal de  
Araripe - CE  
joaoleandro@gmail.com*

**Francisco Mário de  
Sousa Silva**  
*Universidade Federal de  
Pernambuco – UFPE  
fcomariojrn@yahoo.com.br*

### RESUMO

Esta pesquisa objetivou refletir sobre históricas e atuais interações socioambientais. Para tanto, utilizou-se de revisões teóricas enfatizando “o princípio responsabilidade”, promovido pelo teórico Hans Jonas, importante filósofo que viveu durante o período da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto Judeu; tais acontecimentos motivaram suas pesquisas e influenciaram decisivamente na construção do “princípio responsabilidade”, o qual estabelece importantes interações com os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. No estudo, apresenta-se um panorama dos problemas ambientais, onde se percebeu dicotomia nas históricas e atuais formas de atuação da humanidade para com a natureza, o que motiva novas compreensões acerca do compromisso ético do homem em relação ao meio ambiente. Para tanto, a revisão sobre “o princípio responsabilidade” do filósofo Hans Jonas, motivou importantes considerações estabelecidas nessa pesquisa. Sendo assim, ressalta-se a relevância do tema frente às atuais configurações do mundo contemporâneo. Portanto, a responsabilidade ambiental deve ser refletida nos diferentes setores socioculturais, de forma a ser valorizada e colocada em prática, buscando fomentar técnicas educativas capazes de legitimar novas interações, haja vista o avanço nas pesquisas e a progressão no conhecimento nesse campo, frente às atuais demandas socioambientais.

**Palavras-chave:** Ética Ambiental. Hans Jonas. Sustentabilidade. Responsabilidade.

## ABSTRACT

This research aimed to reflect on historical and current socioenvironmental interactions. To this end, we used theoretical reviews emphasizing “the principle of responsibility”, promoted by theorist Hans Jonas, an important philosopher who lived during the period of World War II and the Jewish Holocaust; These events motivated his research and decisively influenced the construction of the “principle of responsibility”, which determined important interactions with the concepts of sustainability and sustainable development. The study presents an overview of environmental problems, where a dichotomy is detected in the histories and current forms of behavior of human nature, or new new motivations about man's ethical commitment to the environment. To this end, a review of “the principle of responsibility” by philosopher Hans Jonas prompted important considerations about this research. Thus, it is emphasized the relevance of the theme, facing the configurations of the contemporary world. Therefore, environmental responsibility must be reflected in different sociocultural sectors, in order to be valued and used in practices, seeking to foster educational techniques capable of legitimizing new interactions, and there may be a research or advancement in research and progress in knowledge in this field, facing the current social and environmental demands.

Keywords: Environmental Ethics. Hans Jonas. Sustainability. Responsibility.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XX marcou profundamente a história mundial. Entre os anos de 1939 e 1945 aconteceu a “Segunda Grande Guerra”, contexto em que ocorreram drásticas transformações sociais. O filósofo Hans Jonas (1903-1993), alemão, judeu, viveu esse período. Segundo a Revista do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (2011), o teórico motivou importantes reflexões sobre sociedade e ética no contexto da tecnologia. “Hans Jonas (1903-1993) foi um filósofo alemão. É conhecido principalmente devido à sua influente obra *O princípio de responsabilidade* (publicada em alemão em 1979, e em inglês em 1984). Seu trabalho concentra-se nos problemas éticos sociais criados pela tecnologia” (IHU, *online*, 2011).

De acordo com Júnior; Silva (2014), entre as causas que motivaram a Segunda Guerra Mundial estavam as intenções dos projetos de expansão de países como Alemanha, Itália e Japão. Essas nações almejavam a condição de potências hegemônicas e acreditavam que a forma para obter êxito seria através da tomada de territórios, infringindo questões culturais, patrimoniais, históricas, religiosas. Tal ideologia rompia com aspectos éticos e direitos humanos fundamentais.

Como compreender esse período da história e como atuar frente os seus reflexos? Hans Jonas articula sua prática filosófica na proposição de uma nova ética, enxergando todo o progresso científico de sua época, que ocorre de forma descontrolada, favorecendo o sistema capitalista. Para Chacon (2007), o capitalismo é um modelo econômico, promotor de disparidades nas relações sociais.

Esta pesquisa objetivou refletir sobre históricas e atuais interações socioambientais. Para tanto, utilizou-se de revisões teóricas enfatizando “o princípio de responsabilidade” promovido pelo teórico Hans Jonas, também

estabelecendo conexões com o conceito de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Segundo Chacon (2007, p. 124), o desenvolvimento sustentável perpassa aspectos econômicos, interagindo com diferentes dimensões socioambientais. Para isso, “é ainda fundamental o respeito à diversidade cultural das sociedades-alvo do processo”.

Este estudo contempla uma vertente teórica que busca refletir sobre as atuais demandas socioambientais, motivando novas compreensões acerca do compromisso ético do homem para com o meio ambiente. Para tanto, a revisão sobre “o princípio responsabilidade”, do filósofo Hans Jonas, motivou importantes considerações estabelecidas nessa pesquisa. Sendo assim, ressalta-se a relevância do tema frente às atuais configurações do mundo contemporâneo.

## **2 COMPREENSÕES TÉORICAS: RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA – UM CAMINHO HISTÓRICO DA HUMANIDADE**

Nos registros históricos da humanidade, encontram-se diversas evidências da evolução científica e significativas reconstruções socioculturais. Nesse contexto, evidenciam-se também diferentes modos do “homem” perceber a sua relação com a natureza. Essa compreensão histórica é necessária para o entendimento sobre as atuais configurações socioambientais que vêm modificando o acesso à vida na Terra.

Após a revolução industrial, muitas matérias primas passaram a ser fundamentais para a expansão dos grandes impérios. Tem-se, como exemplo, o óleo de baleia que era utilizado como combustível para a queima nas luminárias das ruas e casas das famílias abastadas da época (ELLIS, 1969, p.141).

Incontáveis animais foram mortos, desequilibrando vários ecossistemas interdependentes. Cabe mencionar também as explorações de minérios pesados,

a poluição dos rios e oceanos com dejetos humanos, advindos das grandes cidades, e produtos químicos provenientes das fábricas, tais como o mercúrio e outros tóxicos, afetando diretamente a vida marinha; transformando água potável em imprópria para consumo e, assim, deslançando danos “irreparáveis”, pondo em risco e ou efetivando a extinção de diversas espécies, instaurando assim, uma crise ambiental “congenita”.

Na atualidade, falar em sustentabilidade é questionar o modelo econômico dominante que começou a agredir a natureza a partir da Revolução Industrial no final do séc. XVIII, onde houve a aceleração do crescimento econômico e a exploração massiva dos ecossistemas, visando o acúmulo do capital. A partir daí a natureza torna-se objeto de exploração, “inferior à vida humana”, tendo o homem como “dominador”. Com o processo da ascensão industrial introduz-se o sistema de monocultivo onde são inseridos materiais geneticamente modificados, insumos industriais, agrotóxicos, rações, entre outros. Tal dinâmica esteve também associada a um modelo nocivo de desenvolvimento que perdura na atualidade (RODRIGUES; LEANDRO NETO; SILVA, 2019, p. 304).

Onde de fato se encontrariam atitude e reflexão ética do homem para com a natureza? Essa é uma indagação cada vez mais discutida entre os teóricos que tratam sobre as questões socioambientais. É possível que aos “homens” faltes a consciência das possibilidades de destruição, causadas por suas próprias ações de quão finitas são as matérias primas existentes no planeta e que podem se tornar escassas ante a famigerada exploração vigente, não falando apenas da falta de água iminente, pois este é somente um dos vários problemas. A Figura 1 expressa um território com escassez de água no interior do Ceará, Brasil.

**Figura 1-** Imagem representativa da escassez de água em um território do interior cearense



Foto: Francisco Mário, 2016.

Um forte trabalho de conscientização embasado em princípios educativos em ambientes formais ou não tem grandes chances de dar início a um processo de reversão aos danos infringidos ao meio ambiente, ou pelo menos amenizar esse “ferimento”. Também é imprescindível reforçar a necessidade da manutenção, criação e efetivação de políticas ambientais firmes e protetivas em busca da sustentabilidade e desenvolvimento sustentável.

A educação cria condições indispensáveis ao desenvolvimento. Por sua vez, este obriga a que o processo de aprendizagem se modifique. Enfim, uma e outro podem desempenhar papéis vitais na relação, segundo as circunstâncias e o momento. Mas, antes de nos afogarmos nas ideias comuns, vale apenas perguntar um pouco sobre as suas bases, sobre a sua gestão (NASCIMENTO, 2002, p. 98).

Todavia, existem setores sociais que são especializados em desenvolver projetos advindos da iniciativa privada, onde altos valores são aplicados em trabalhos científicos que podem gerar elevados índices de lucratividade e danos significativos ao meio ambiente. Tal perspectiva reforça a ideia de que o homem domina a natureza. Para Chacon (2007), a ideia de desenvolvimento fundamentada na exploração do homem e de recursos naturais reforça uma lógica de exclusão, característica do capitalismo globalizado.

No atual modelo de desenvolvimento globalizado o homem é apenas mais um elemento, assim como também é a natureza, que deve ser preservado, úteis que são para a definição e reprodução de um modelo de exploração que se sustenta há séculos, desde que o homem passou a se julgar acima da natureza, desde que achou que a dominava e ela estava ao seu dispor (CHACON, 2007, p. 108).

Nas últimas décadas, com frequência, vêm sendo inseridas nas pautas sociopolíticas mundiais, reflexões acerca de que forma se estaria contribuindo para o bem-estar das presentes e futuras gerações, visto o ritmo de desgastes socioambientais. Trata-se, portanto, de uma nova percepção sociocultural que incidiu nos debates sobre “sustentabilidade”. Vislumbra-se um aceno no que diz respeito à quebra de preceitos etnocêntricos, além da abertura para enfoques interdisciplinares ligados a questões da natureza, tecnologia, ciência, bioética. Esse conjunto produz desafios e soluções, e novas compreensões sobre moral e ética.

A proposta de Hans Jonas é fundamentar uma modernidade ética apta a restringir a capacidade humana de agir como um destruidor da autoafirmação do ser, expressa na perenização da vida. Desde uma tal perspectiva, podemos conceber o desenvolvimento sustentável como uma proposta que tem em seu horizonte uma modernidade ética, não apenas uma modernidade técnica. Pois o princípio “sustentabilidade” implica incorporar ao horizonte da intervenção transformadora do “mundo da necessidade” o compromisso com a perenização da vida (BURSZTYN, 2001, p.167).

Torna-se necessário ressaltar as nuances da sustentabilidade desenvolvidas em países com industrialização tardia, pois requerem amplo esforço para igualar os processos de superação de condições de desigualdade social e acentuada miséria, bem como a implantação de novo modelo ético que possa render retornos socioambientais positivos. Isso se deve em razão do tardio desenvolvimento que impossibilita concorrência justa com os países que já possuem tecnologias avançadas e custos “mais baratos” de produção, sem a necessidade da exacerbada exploração de mão de obra. Cabe permitir que a prudência e a ética perpetuem sobre a segurança do meio ambiente, vislumbrando as consequências das atitudes humanas no presente e futuro.

### **3 HOMO SAPIENS – HOMO FABER: COMPREENSÕES HISTÓRICAS**

A espécie humana, dentro de suas várias fases, desenvolve-se em pontos cruciais, especialmente no que diz respeito à criação de novas ciências, articulação na comunicação e interação com as ferramentas proporcionadas pelos recursos naturais e tecnológicos. São vários os códigos culturais ligados ao desenvolvimento humano e, dentro dos conceitos próprios, que são frutos de sua carga cultural e valores individuais, cria-se uma visão que pode colocar esse mesmo “homem” como “centro de tudo”. No entanto, agir em detrimento de interesses individuais chega a pôr em risco sua autopreservação.

Somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando-se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores. A conquista de um domínio total sobre as coisas e sobre o próprio homem surgiria como a realização do seu destino. Assim o triunfo do *homo faber* sobre o seu objeto externo significa, ao mesmo tempo, o seu triunfo na constituição interna do *homo sapiens*, do qual ele outrora costumava ser uma parte servil. Em outras palavras, mesmo desconsiderando suas obras objetivas, a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela agora ocupa subjetivamente nos fins da vida humana (JONAS, 2006, p. 43).

A percepção dos elementos que formam a natureza ajuda a construir de forma gradativa uma conceituação filosófica de “meio ambiente”. No curso da história humana, percebem-se diferentes formas de pensar a relação do homem com a natureza, no entanto, com o advento do capitalismo, as relações socioambientais são incisivamente comprometidas. Por esse sistema, cria-se uma relação de exploração exacerbada, onde o “lado fraco” não impõe resistência ao seu explorador, apenas permite ser degradada por ações ambiciosas e “impensadas”.

A noção de sustentabilidade impera como caminho alternativo aos equívocos ecológicos decorrentes da postura humana frente aos recursos naturais. É imprescindível ética nessa relação. Enquanto se manipula e evolui o conhecimento científico, os instintos de conservação do meio ambiente aparentam decrescerem, pois o conhecimento manipulado em laboratório e produzido por máquinas aparentam ter “mais eficácia” e rapidez do que a espera pelo ciclo da natureza que acontece de forma gradual e natural. Os impactos consequentes de tais ações refletem nas gerações presentes e futuras, incidindo na necessária promoção de novos valores.

A atual produção tecnológica requer, entre outros instrumentos e práticas, testes e manipulação de elementos nocivos ao planeta; agressores dos ecossistemas e cadeias alimentares. Isso ocorre porque os setores econômicos pensam prioritariamente em produzir para obter lucro e desfrutar das facilidades que os avanços ofertam, mas “não mostram” sensibilidade frente à devastação ambiental. “Nessa lógica, ele incluiu também a dominância de seus semelhantes, achando-se também acima deles e, assim, perdendo aos poucos a noção do que é ser humano” (CHACON, 2007, p. 108).

Estudos apontam que, embora conhecedores de tal problemática, “a população mundial” vem aumentando a distância da prudência e da ética ambiental, automatizando ações degradantes e gerando novos paradigmas.

A presença do homem no mundo era um dado primário e indiscutível de onde partia toda ideia de dever referente à conduta humana: agora ela própria tornou-se um objetivo de dever – isto é, o dever de proteger a premissa básica de todo o dever, ou seja, precisamente a presença de meros candidatos a um universo moral no mundo físico do futuro; isso significa, entre outras coisas, conservar este mundo físico de modo que as condições para uma tal presença permaneçam intactas; e isso significa proteger a sua vulnerabilidade diante de uma ameaça dessas condições (JONAS, 2006, p. 45).

Esse modo de pensar traz consigo questões peculiares com a dicotomia entre a automação e a pessoalidade. Uma linha se forma entre matéria e o que de fato é consciência. Nesse contexto, surgem os mais complexos questionamentos propostos para serem estudados dentro da ética e da moral.

#### **4 PROBLEMAS AMBIENTAIS: SOCIEDADE CONSUMISTA, AQUECIMENTO GLOBAL E DESMATAMENTO**

Na história da humanidade podem ser observados diferentes momentos de evolução e transição de valores sociais. Mesmo de forma primitiva, as primeiras civilizações em relações comerciais já demarcavam o interesse e a capacidade exploradora do “homem” frente aos recursos naturais. Tais sociedades desenvolveram mecanismos políticos e socioculturais próprios, voltados ao bem-estar social. Com o passar dos séculos, novos paradigmas vão surgindo, incluindo a ganância pelo acúmulo de riquezas, o que tem causado sérios impactos nas camadas socioeconômicas, meio ambiente e cultura.

A sociedade de consumo é caracterizada pelo uso de uma quantidade de bens e serviços muito maior do que a necessária. Dessa forma, o termo “consumismo” se refere à atividade de usar os recursos naturais

até a exaustão. Assim, devido ao uso excessivo desses recursos e da enorme produção de lixo e poluição, a sociedade de consumo global vem despertando para a necessidade de se minimizarem os efeitos dessa produção desenfreada de bens supérfluos, que alcançou um patamar alarmante a partir da expansão imperialista (ALBUQUERQUE, 2007, p. 54).

No atual mundo globalizado, torna-se necessário buscar equilibrar as razões éticas e princípios morais. Essa nova ordem mundial prega o alto consumo de bens materiais e um elevado estado social para aqueles que mais acumulam esses recursos. Segundo Chacon (2007), trata-se de uma cultura de desigualdades que fomenta a exclusão. A aplicação da ética profissional equilibra as relações de trabalho, combate o individualismo extremo, impedindo que as pessoas coloquem seus interesses pessoais acima dos interesses comuns, pois os conceitos éticos estão conectados à conduta humana.

Trata-se de uma crise da vida em comum e de uma confusão entre o privado e o público, fato que se manifesta em inúmeros cenários da existência cotidiana dos seres humanos desse milênio, vigiados na sociedade do *Big Brother*, controlados pelas câmeras em todos os lugares, invadidos nos lares pelas amplas janelas e paredes de vidro e espelho. Assim mercantilizados e cheios de novas necessidades, os seres humanos veem-se enredados numa crise sem precedentes, pois a realização dessas necessidades aparece cada vez mais como algo impossível do ponto de vista ambiental e social. De um lado, o esgotamento dos recursos naturais e os desastres provocados pela corrida tecnológica em busca de respostas às demandas criadas. De outro, o fato de que, numa sociedade de 6,2 bilhões de pessoas, o limite do planeta nega o acesso a essas tecnologias e riquezas à maior parte da humanidade, relegada ao esquecimento e à miséria (OLIVEIRA; BORGES, 2008, p. 33,34).

Grandes potências econômicas mundiais, tais como os Estados Unidos da América, são assoladas pela sociedade do alto consumo tecnológico, o que demanda com mais afinco a manutenção, construção e execução de políticas ambientais sustentáveis. As burocracias políticas e jogos de interesses acabam por interferir de maneira direta na aplicação desses instrumentos, aumentando os riscos de não sobrevivência da natureza. Nos países pouco desenvolvidos, pode-se

destacar a “péssima” distribuição de renda, acarretando degradação ambiental, fruto da má qualidade de vida da população que é vítima dos complexos esquemas de corrupção que favorecem elites e grupos de pessoas ligadas aos governos.

A Figura 2 referencia disparidades sociais onde pessoas são contratadas para atuarem como “porta-bandeiras” de campanhas políticas, sustentando o marketing dos candidatos que buscam ocupar ou manter cargos políticos, os quais, no Brasil, significativa parcela faz parte de um “seleto” grupo econômico.

**Figura 2** – Pessoas atuando como “porta-bandeira” de campanha política; retratos de desigualdades sociais



Foto: Francisco Mário, 2016.

O consumismo corresponde a uma cadeia de acontecimentos; violação dos direitos humanos, tráfico de entorpecentes, má qualidade da educação, exploração humana, ferindo assim, princípios éticos presentes nas relações

sociais. Tal ideologia está atrelada a anseios materiais que incidem diretamente nas relações socioambientais.

A sede consumista, frequentemente provocada de modo artificial, açula a produção de bens materiais para satisfazê-la. Cria-se passagem rápida e imperceptível do desejo para a necessidade, da sedução dos olhos para a aquisição do bem. E no centro está o jogo central do capitalismo de produzir para vender e assim, pela compra, aumentar o lucro e o investimento a fim de produzir ainda mais com recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados. Entra-se nesse círculo infernal sem saída se não se rompe o movimento (LIBÂNIO, 2010, p. 66-68).

No campo material, essas relações de consumo são fortemente marcadas pela entidade capitalista e bem conceituadas como sociedade dos “produtos descartáveis”, o “ter por ter”, com fulcro na crença de que os recursos naturais são infinitos, dando vazão ao crescimento de setores que irão impactar negativamente o meio ambiente. Há uma forte carência de criação de costumes cuja “visão biocêntrica” tenha maior valorização. “O princípio biocêntrico vem propor a vida e tudo o que a mantém como centro, e não se estabelece como um marco teórico, mas como uma percepção ampliada do viver e como contribuição, parte da vivência de um universo organizado em função da vida” (FERREIRA; BOMFIM, 2010, p. 44).

Segundo Silva (2009), outra consequência dos maus tratos ao planeta é o aquecimento global, causado pela emissão de poluentes na atmosfera, excesso de carbono, excesso de lixo dos mais variados tipos: comum, industrial, radioativo, eletrônico e nuclear; principalmente carvão e derivados de petróleo, indústrias, refinarias, motores, queimadas, entre outros.

É necessária adaptação social às novas realidades climáticas globais, e a procura política por minimizar os atuais danos ambientais, através de ações educativas fundamentadas em princípios éticos que colaborem com o processo de superação dos desastres socioambientais.

Vivemos o tempo do indivíduo massificado, em busca de sua autoafirmação no ventre da massa, lugar no qual ele não é mais que um número ou um código cifrado e despersonalizado. Mas porque sua diferença depende da posse dos bens de consumo, vivemos o fenômeno paradoxal das ofertas de produtos exclusivos, de luxo, para uma parcela da população que é sempre desvalorizada, como a classe média, os adolescentes ou mesmo os pobres. Essa oferta vem acompanhada da ilusão da autoafirmação, ligada agora à ideia de exclusividade, num perfil de consumidor que exige bom atendimento, construção de relações igualitárias e tratamentos não preconceituosos, que prometem amizade no meio da solidão, emoção e atenção no mundo da razão instrumental (OLIVEIRA; BORGES, 2008, p. 36).

A adoção de acordos “verídicos” entre os países que mais produzem poluentes é fundamental para reestabelecer o equilíbrio natural planetário. Assim também como a atuação conjunta dos demais territórios.

Outro aspecto a ser fomentado é que o desmatamento ocorre desde que se utiliza a madeira como matéria-prima para produção de bens de consumo (móveis; combustível). A conservação do patrimônio verde é importante para além de outras necessidades; a conservação da camada de ozônio que tem função de proteger o planeta contra os raios ultravioletas, advindos do sol; a troca de gases e produção de oxigênio, tornando o ar favorável aos seres vivos; as raízes evitam o deslizamento de morros, assoreamento dos rios; a produção de frutos, fonte de alimento, sem contar que a medicina extrai da natureza grande parte dos compostos utilizados na manipulação e preparação de medicamentos.

Como sempre as posições extremas falseiam o problema. Evidentemente, uma área do tamanho da Amazônia não pode ser embargada a toda ocupação humana, tornando-se uma reserva intocada, museu verde para a fantasia de sonhadores. Do outro lado, a exploração enlouquecida e gananciosa realizada por madeiras, mineradoras, fazendeiros e empresas transnacionais vem destruindo um patrimônio da humanidade de cuja conservação somos depositários. Espera-se uma política séria e confiável. Esbarramos no problema mais grave de nossa política: a falta de uma consciência de responsabilidade ética pelo bem público (LIBÂNIO, 2010, p. 57, 58).

Em momento algum deve ser descartada a importância da preservação da Mata Atlântica que já está escassa no Brasil, vitimada pela ambição e crescimento das cidades, sem planejamento sustentável. O desmatamento no Brasil deu-se a partir da colonização pelos portugueses. Desde então, boa parte da vegetação do país foi devastada. Complementa Libânio:

Em face da devastação crescente da Amazônia, brota a indignação ética. Mas, parando aí, cai-se na esterilidade. A gravidade do problema ecológico vai desde a luta contra a poluição do ar e da água até a criação de uma mentalidade nova, religiosa, de encantamento por todo o cosmos. Estamos, no Brasil, numa fase crítica, em que decisões importantes agora tomadas podem comprometer o futuro de modo desastroso. Ainda há tempo de revertê-las. A Amazônia é, fora de dúvida, o palco maior em que forças poderosas travam batalhas (LIBÂNIO, 2010, p. 57).

Segundo Marques (2018), em nível mundial, enfrenta-se uma série de problemas ambientais, ainda com ênfase na devastação das florestas e sua relação com a poluição do ar atmosférico, que resulta na emissão de CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono). Estudos apontam que o desmatamento de florestas é a retirada da vegetação existente, através do corte de árvores, queimadas, e essa prática põe em risco importantes ecossistemas, como as florestas tropicais e equatoriais em todas as partes do planeta, em especial na Amazônia, Congo e Sudeste asiático, ainda comprometendo a vida de outras coberturas vegetais mais restritas como as florestas boreais (taiga e coníferas). Essa ação ambiciosa e grave, praticada pelo homem, não respeita os princípios da ecologia, muito menos tem enfoque na preservação do planeta, deixando a humanidade à mercê de um futuro incerto, sem saber inclusive se terá ar de qualidade para ser respirado.

Com a devastação das florestas, a vida de muitas espécies torna-se inviável, acarretando a morte de pequenos ecossistemas, migração de espécies, desequilibrando as cadeias alimentares, o que também pode impactar nas atividades econômicas como a caça e a pesca. A extinção das florestas causa a

destruição, em certos casos, das nascentes dos rios. Sem contar que as áreas situadas em encostas às margens dos rios têm elevado o processo de erosão, ocasionando o aumento de areia e pedras nos leitos dos rios, causando enfraquecimento no curso da água.

## 5 A PROPOSTA DE HANS JONAS PELA ÉTICA DA RESPONSABILIDADE

Parte significativa da população mundial é influenciada pela ideia de progresso e resultados. O avanço tecnológico tem tornado as pessoas cada vez mais ambiciosas, causando atrofias em alguns setores sociais. No que tange ao desenvolvimento científico, essa dominância também reflete na relação entre homem e natureza, sendo o pesquisador o “ser dominante” observador e promotor de novos conhecimentos. A Figura 3 expressa uma crítica a práticas de “dominação” em nome da ciência.

**Figura 3** – Domínio em nome da ciência



Fonte: Superinteressante. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=zmMHZxi-1-k>. Acesso em: 5 jun. 2019.

A realidade científica mecânica demanda constantes reflexões sobre princípios éticos, o que leva a sociedade a instigar o porquê de civilizações

buscarem tanto “desenvolvimento” sem se preocupar em preservar o meio ambiente.

O aumento do poder de ação humana fez com que o maior de todos os mitos – e o mais maléfico deles – se rompesse: a invulnerabilidade da natureza. Depois de muitos anos, descobrimos que a vulnerabilidade da natureza não se revela apenas como possibilidade, mas como dano (OLIVEIRA; BORGES, 2008, p. 54,55).

A ética da natureza se apresenta de forma aberta e se articula com diferentes temas. Esse princípio vem a ser o estudo das normas que devem imperar a ação humana no domínio da interferência técnica do indivíduo sobre sua própria vida. Deste modo, a contestação a respeito de uma contribuição da humanidade para o debate hodierno da ética, recobra seriedade.

[...] a constatação de que a aceleração do desenvolvimento alimentado tecnologicamente nos reduz o tempo para autocorreções conduz a outra constatação: no tempo de que ainda dispomos, as correções tornam-se cada vez mais difíceis, e a liberdade para realizá-las é cada vez menor. Essas circunstâncias reforçam a obrigação de vigiar os primeiros passos, concedendo primazia às possibilidades de desastre seriamente fundamentadas (que não sejam meras fantasias do medo) em relação as esperanças – ainda que estas últimas sejam tão bem fundamentadas quanto as primeiras (JONAS, 2006, p. 78-79).

A ética da responsabilidade de Hans Jonas tem como atributo condenar a distorção mais intensa e defender a vertente menos beneficiada pelas conjunturas sociais. Nessa acepção, tal ética estará sempre ao lado dos “fracos” *versus* os “fortes”. Na atualidade, visto as demandas socioambientais, o pensamento de Hans Jonas é pertinente e iluminador. Só uma ética, a qual todos façam parte, pode cumprir a ação de apontar os valores a serem seguidos. A técnica contemporânea se aperfeiçoou assumindo dimensões jamais imaginadas, com conseqüências abstratas que as normas das éticas consideradas tradicionais se tornaram ultrapassadas.

Segundo Hans Jonas, a era tecnológica moderna avança de forma exponencial e o homem tem grande potencial de esgotar os recursos naturais em detrimento do consumo progressista, sem respeitar os princípios éticos ambientais. Nessa percepção, ocorre uma inversão dos papéis, onde o ser humano dá o seu lugar à tecnologia que, processualmente, age como integrante em seus atos, ganhando “vida” e passando a uma posição de comandar um processo automático, ditando maneiras de como o homem deve proceder.

Dito de outra forma, o poder tecnológico transformou aquilo que costumava ser exercícios hipotéticos da razão especulativa em esboços concorrentes para objetos executáveis. Na escolha entre eles devemos escolher entre extremos de efeitos distantes, em sua maioria desconhecidos. A única coisa que realmente podemos saber sobre eles é o seu extremismo propriamente dito: que eles dizem respeito à condição geral da natureza em nosso planeta e ao tipo de criaturas que devem ou não habitá-lo (JONAS, 2006, p.63).

O teórico promove advertências ligadas diretamente aos aspectos filosóficos e tecnológicos da humanidade e coloca em jogo toda a problemática que envolve o homem. A intervenção da tecnologia deveria criar métodos de preservação, de amplificação dos recursos naturais, para que houvesse uma melhora nas condições de vida no planeta e coerência com a “ética ambiental”.

## 6 A TÉCNICA

Hans Jonas fomenta a consciência crítica sobre a postura que a ciência deve assumir no processo de defesa da vida no planeta. A partir desse pressuposto, propõe-se uma ética de responsabilidade sobre a humanidade e o meio ambiente.

As ideias do teórico incidem na compreensão que a busca do homem pelo conhecimento nem sempre respeita os limites éticos, desvinculando-se do sentido de responsabilidade social, supervalorizando a tecnologia em detrimento da vida. Nessa lógica, a relevância está no modo de preservar as máquinas e não a

integridade dos seres. Essa determinação de pensamento asseguraria que as vertentes de pensamentos sobre os “desastres ambientais” seriam mais fortes que as de “sustentabilidade”.

As décadas têm mostrado ensinamentos de que os desenvolvimentos tecnológicos postos em sequência pela ação de criação, com ênfase em curto prazo, são tendenciados a se transformarem em automação, ou seja, a obter sua própria autonomia de compulsão, como também superar o que lhe foi proposto a partir de ações tratadas no campo de comportamentos sociais. Aquilo que já foi começado toma para si as “rédeas” das atitudes humanas.

É aceitável considerar, através das aberturas feitas, que se almeja corroborar e fundamentar o modelo de uma ética baseada na magnitude do ser. Mas para isso é indispensável a mobilização das camadas conceituais propostas por Hans Jonas para criar o embasamento de uma forma ética que fundamenta o Princípio Responsabilidade. Logo que a ética necessita ser baseada na globalidade do homem, mas ao mesmo tempo firme em sua singularidade, procurando sempre evitar alguma forma de relativismo de valores. O Princípio Responsabilidade provoca ser igualmente uma forma cogente do viver, pois essa seria a elementar condição ética e responsável com e para o planeta de amanhã.

À medida que nos conscientizamos da gravidade da situação, percebemos a urgência de cultivar novas virtudes, a catequese ensinou-nos as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade; e as virtudes cardeais da temperança, prudência, justiça e fortaleza. Bem entendidas, elas englobam as outras. No entanto, a fim de explicitar melhor a novidade do momento ecológico, vale formular de modo diferente algumas virtudes. A sobriedade aproxima-se da temperança. Mas como esta se vinculava muito à busca de prazer por parte do indivíduo, ficou descoberto o aspecto da ganância de bens materiais pela via do consumismo. É esse desequilíbrio que atinge em cheio a ecologia. E a resposta deve vir de uma virtude que cultive sobriedade (LIBÂNIO, 2010, p.66-68).

Refletir as probabilidades de termos através da instrução, uma constituição harmônica de informação, que procure por meio do diálogo princípios éticos e

responsáveis, é uma probabilidade de concretizarmos uma *práxis* coletiva. Preocupar-se, lutar, ceder e acima de tudo, agir com responsabilidade ambiental é um ato fundamentalmente ético.

## 7 METODOLOGIA

Esta pesquisa fundamenta-se em reflexões motivadas por estudos bibliográficos, com o intuito de expressar diálogos interdisciplinares sobre os temas apresentados, tendo como eixo fundamental “o princípio responsabilidade” do filósofo Hans Jonas.

Essa particularidade da investigação considerou a relevância de compreensões teóricas reflexivas, promovidas em torno de questões socioambientais, especialmente ante as relações socioeconômicas estabelecidas no mundo contemporâneo.

É salutar compreender que as pesquisas com fundamento bibliográfico acabam por interagir de forma reflexiva, com diferentes dimensões e sentidos para os temas desenvolvidos. Segundo Gil (2017), esse modelo de pesquisa possibilita a interação com conteúdos formulados e publicados. Trata-se de um método que demanda aprofundamento de leitura e interação entre conceitos e autores.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2017, p. 45).

Como instrumento analítico, utilizou-se de reflexões qualitativas, as quais são utilizadas sem “apegos” a expressões quantificáveis. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser

quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p. 32).

## 7.1 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das compreensões teóricas, a responsabilidade destina o homem à função de distinguir escolhas fundamentais, relacionadas a todos os dilemas socioambientais, incluindo os morais e éticos, abrangendo fatos ligados à relação humana com seus pensamentos e demais dimensões. Pode-se, diante de uma vasta e diversa aparelhagem humanista, vivenciar minunciosamente as características que definem as razões cabíveis ao processo de responsabilidade para a promoção do ambiente ético em sua construção social. No decorrer de nossa existência, buscamos compreender a sociedade a qual é constituída pela família. Contudo, antes de compreendermos esse referencial social é necessário compreender os valores morais e éticos de um sistema, e ter consciência de que eles são importantes para a manutenção da vida na sociedade.

Há necessidade de se repensar a ética, acompanhada de valores que proporcionem uma reflexão atualizada, que problematize os conceitos de positivo, negativo, bem e mal. Daí parte também a convicção de que precisamos organizar as ideias, dando vida aos fatos, de maneira que se acrescente a conduta que não só determinará a moral, mas que distinguirá o comportamento individual e coletivo do homem perante o mundo.

O homem em geral depende de um equilíbrio com a natureza, e essa interação define ecologicamente um relacionamento fundamental, o qual deve ser garantido a todos, independentemente de sua geração. A intensidade existente nessa relação requer uma prática real, dispensando teorias superficiais e agregando os valores que irão garantir uma vivência melhor entre os seres, com a sustentabilidade inserida nas ações humanas. As atitudes, a consciência,

devem nortear o surgimento de uma ética que desempenhe um novo olhar humano em relação ao planeta, em que o comportamento remeta o entendimento de interação entre seres vivos responsáveis pela vida em território. Nesse contexto, toda e qualquer ordem de fins lucrativos deve se secundária diante da consciência da relação que define um caminho ecológico ético da natureza humana.

Percebemos que o pensamento de Hans Jonas aponta um princípio ético a ser atingido. Essa “ética do futuro” está intimamente voltada ao sentido de “responsabilidade”. Em todo caso, o viver não está ligado a um direito de existir propriamente dito, mas a um “dever-existir”, que abrange a responsabilidade mútua pela conservação do ambiente em que se vive, preocupando-se sempre com as gerações vindouras, condição necessária para a experiência de uma ética para o futuro. Do mesmo modo, o elementar princípio da “ética da responsabilidade” não se depara nela própria, como preceito do fazer, mas em outros aspectos, onde na sociedade se constrói o ser, o respeito ao bem comum.

A ética jonasiana baseada no princípio da responsabilidade intenta refletir sobre a realidade moderna para propor caminhos de resolução aos problemas criados pelo ser humano. Se antes a ética estava centralizada nas relações humanitárias em nível antropológico, cultural, ético e político, no mundo tecnicista, transformador da natureza e do próprio ser humano, a ética tem o desafio de responder a uma sociedade onde o avanço tecno-científico se torna o paradigma influente e imperativo de civilidade. Junto a ele deve se integrar as bases fundamentais da vida humana, a saber, a realidade planetária. Pois este se tornou objeto de consumo-descartável. A ética da responsabilidade é uma proposta de vida que resgata princípios fundamentais da manutenção e continuação da sociedade humana. Por isso que o futuro, as gerações, a existência, a política, a tecnologia e o meio ambiente fazem parte essencial de sua reflexão. Num mundo em constante transformação faz-se necessário uma base de fundamentação. E o princípio que maior corresponde com um envolvimento integral e participativo é o da responsabilidade (BARBOSA, 2017, p. 168).

Para que a ética da responsabilidade adquira *status* adequado, a requisição fundamental é que passe por fundamentação filosófica. Para que isso ocorra, os

seus enunciados teóricos são necessários, porém escassos, porque existem ainda requisições de ordem prática a atender, também a necessidade de desprendimento de objetivos industriais de consumo, baseados no sistema capitalista.

Nessa proposta, escolhe-se a responsabilidade como princípio essencial para conduzir a atuação e motivar uma ética para o tempo tecnológico. Para concretizar esta tarefa é preciso se confrontar com muitas conjecturas e que, em vez de dificultar o percurso, antes ao contrário, elas farão com que as visíveis dificuldades se transformem em oportunidades para solucionar os problemas criados pela ação do homem que prejudica o mundo que o cerca.

A fragilidade humana foi sendo enrijecida pela agressividade da prepotência do pensamento do homem. Assim ocorre com as mazelas sociais e ambientais que necessitam de cuidados básicos, mas não os têm. Essa compreensão deve ser tomada como expressão de uma fragilidade que urge tomar os cuidados principais como qualidade indispensável para que se afirme uma atitude ética eficaz. A ética da responsabilidade, por conseguinte, reveste-se de uma prerrogativa de andar em direção ao dever fazer: “Age de tal forma que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica sobre a terra” (JONAS, 2006, p. 40).

Os problemas ambientais vividos pela sociedade nos levam à reflexão: teremos um futuro sustentável para as futuras gerações? É preciso perceber que o degaste ambiental sofrido pelo Planeta Terra é demasiado, e a construção de uma consciência crítica capaz de perceber e posteriormente agir, não acontece atualmente, sendo um desafio urgente para os diversos grupos humanos.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns questionamentos foram equacionados e o princípio responsabilidade é estabelecido, partindo da prova da transformação, em consequência da técnica moderna, a tecnologia desenvolvida, a forma humana de proceder, alcançando efeitos negativos amplificados, que acabou por atingir não só a humanidade, mas se lançou de forma extrema no futuro. O filósofo Hans Jonas fomentou a importância de uma reflexão renovada e que dentro da ética fosse capaz de atender as necessidades do ser humano.

Outros modelos éticos foram analisados por Jonas, o qual percebeu que nenhum deles se enquadra nos elementos necessários para dar sentido a essa proposta filosófica, pois todos se atrelam aos fins imediatos da ação, cuja culminância esteja direta e exclusivamente ligada ao domínio humano.

A dimensão que trata acerca da sociedade, da busca e da conscientização pela sustentabilidade, da mudança dos parâmetros na preservação ambiental, só se torna acessível pela ética. Retirar o homem da zona de conforto em que se encontra e ser chamado à consciência, na procura, essencialmente, de uma maior concepção de si mesmo e, sobre a ética, é fundamental ao meio ambiente e às relações socioambientais.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. Rio de Janeiro, RJ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.

BARBOSA, Isaias Mendes. A ética da responsabilidade em Hans Jonas: crítica à modernidade e novos caminhos de atuação. In: **anais** do X Simpósio Internacional Filosófico Teológico- FAJE. Belo Horizonte, v. 2, n. 2 (2017), p. 161-168. ISSN: 2526-0782.

BATTESTIN, C.; GHIGGI, G. O Princípio Responsabilidade de Hans Jonas: um princípio ético para os novos tempos. **Thaumazein**, Santa Maria, v.3, n.6, p. 69-85, 2010.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: record, 2009.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: vozes, 1999.

BURSZTYN, Marcel (org.). **Ciência, Ética e Sustentabilidade**: desafios ao novo século. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CHACON, Suely Salgueiro. **O sertanejo e o caminho das águas**: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

DI SANTE, Carmine. **Responsabilidade**: o eu – para – o outro. Trad. Ivo Starniolo, São Paulo: paulus, 2005.

ELLIS, Miriam. **A baleia no Brasil Colonial**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

FERREIRA, Fabiola; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Sustentabilidade Ambiental: visão antropocêntrica ou biocêntrica? **Ambientalmente Sustentable**, Espanha, v.1, n. 9-10, p. 37-51, 2010.

FONSECA, Flaviano Oliveira. **Hans Jonas**: ética para a civilização tecnológica. Bahia: Caderno de ciências sociais aplicadas, 2009.

FONSECA, Lilian Simone Godoy. **Hans Jonas e a responsabilidade do homem frente ao desafio biotecnológico**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FRANCISCO. **Carta encíclica louvado sejas**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: paulinas, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JAMIESON, Dale (coor.). **Manual de filosofia do ambiente**. Trad. João C. Duarte. Lisboa: instituto Piaget, 2003.

JONAS, Hans. **Matéria, espírito e criação**: dados cosmológicos e conjecturas cosmogônicas. Trad. Wendell Evangelista Soares Lopes. Petrópolis: vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O conceito de Deus após Auschwitz**: uma voz judia. Trad. Lilian Simone Godoy Fonseca. São Paulo: paulus, 2016.

\_\_\_\_\_. **O princípio da vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma nova ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. **Técnica, medicina e ética**: sobre a prática do princípio responsabilidade. São Paulo: paulus, 2013.

JÚNIOR, Olival Freire; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 34, n. 67, p. 181-201, 2014.

LACROIX, Michel. **Por uma moral planetária**: Contra o humanicídio. Trad. Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: paulinas, 1996.

LIBANIO, João Batista. **Ecologia**: vida ou morte. São Paulo: paulus, 2010.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e Colapso ambiental**. 3ª edição, Unicamp, Campinas: 2018.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **Educação e desenvolvimento na contemporaneidade**: dilema ou desafio? In. *Ciência, ética e sustentabilidade*:

desafio ao novo século. Marcel Bursztyn (org). 3.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

NERI, Demetrio. **Filosofia moral**: manual introdutivo. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, Jelson; BORGES, Wilton. **Ética de gaia**: ensaios da ética socioambiental. São Paulo: paulus, 2008.

OLIVEIRA, Jelson; MORETTO, Giovani; SGANZELA, Anor. **Vida, técnica e responsabilidade**: três ensaios sobre a filosofia de Hans Jonas. São Paulo: paulus, 2015.

Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Biografia. **IHU- online**. São Leopoldo, ed.371. 2011.

RODRIGUES, Tayronne de Almeida; LEANDRO NETO, João; SILVA, Francisco Mário de Sousa. A Contribuição do Projeto Solari para a Educação da Juventude Campesina no Município de Assaré-CE. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.45 SUPLEMENTO 1, p. 302-317. DOI: <https://doi.org/10.14295/idonline.v13i45.1806>.

RUSS. Jacqueline. **Pensamento ético Contemporâneo**. Trad. Constança Marcondes César. São Paulo: paulus, 1999.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2-A pesquisa científica. In: **Métodos de pesquisa**. GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, Waldir. O Princípio responsabilidade em Hans Jonas: Um desafio para a bioética numa contínua transcendência – **Revista Atualidade Teológica**. Paraná, v.14, n.35, 2010. DOI:10.17771/PUCRio.Ateo.17688.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Trad. João Dell'Anna. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2005.

WOLKMER, Maria de Fátima Schumacher; PAULITSCH. Nicole da Silva. Ética ambiental e crise ecológica: reflexões necessárias em busca da sustentabilidade. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v.8 n.16, p.211-233, 2011.